

# Currículos-quimera: o processo formativo que atravessa A pesquisa e o exercício de reinventar, reinventando-se

Chimera Curricula: The Formative Process Through  
Research and the Practice of Reinvention

Leonardo Conceição GONÇALVES<sup>1</sup>  
Rosemary dos SANTOS<sup>2</sup>  
Tereza FERNANDES<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo do artigo é compreender a reconfiguração dos processos educativos forjados com os praticantes dos cotidianos em tempos de incertezas. Fundamenta-se nos Estudos Cotidianistas, sendo dispositivos acionados: redes sociais e uma oficina realizada no Seminário Temático envolvendo dois grupos de pesquisa de instituições inter-regionais brasileiras. Investiga-se práticas ciber culturais, percebendo-as como fenômenos pedagógicos inventivos – quimeras curriculares que reencantam o mundo a partir dos movimentos imprevisíveis nas Redes Educativas. Concluímos que as práticas na cibercultura, constituídas de provisoriades e imperfeições, permitem reinventar aprendizagens e ensinamentos comunicacionais, assim como a criação de estéticas outras como processos de resistência de coletivos desviantes.

**Palavras-chave:** Covid-19. Currículos-quimera. Cotidianos.

## Abstract

The objective of the article is to understand the reconfiguration of educational processes forged with everyday practitioners in times of uncertainty. It is based on Everyday Studies, with devices being activated: social networks and a workshop held at the Thematic Seminar involving two research groups from Brazilian inter-regional institutions. Cybercultural practices are investigated, perceiving them as inventive pedagogical phenomena – curricular chimeras that re-enchant the world based on unpredictable movements in Educational Networks. We conclude that practices in cyberculture, made up of provisionalities and imperfections, allow us to reinvent communicational learning and teaching, as well as the creation of other aesthetics as processes of resistance by deviant collectives.

**Keywords:** Covid-19. Chimera CVs. Daily life.

---

1 Doutorando no Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Ensino na Educação Básica pela (UFG). Atualmente, é professor no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES RJ) e membro do grupo de pesquisa EduCiber. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2408707074496020>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3617-0506>. E-mail: [rjleonardocg@gmail.com](mailto:rjleonardocg@gmail.com)

2 Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora Associada na UERJ, onde leciona no Programa de Pós-Graduação em Educação e no PPGCEC, focando em Educação, Comunicação e Cultura. Líder do grupo de pesquisa EduCiber e bolsista Jovem Cientista da FAPERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9464170521679409>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0479-1703>. E-mail: [rose.brisaerc@gmail.com](mailto:rose.brisaerc@gmail.com)

3 Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. <http://lattes.cnpq.br/3787473429290650>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1040-424X>. E-mail: [tereza.ufmt@gmail.com](mailto:tereza.ufmt@gmail.com)

## Nas janelas, Vaga-lumes

As sobrevivências são apenas lampejos passeando nas trevas, porque elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta - mesmo que ela fosse contínua. As sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou uma salvação “final” sejam necessárias à nossa liberdade (Did-Huberman, 2011, p. 85).

A pandemia da covid-19 moldou de maneira indelével todas as formas de vida dentro do planeta Terra, e como uma trama tecida de incertezas, impôs uma série de desafios à nossa sobrevivência, que variaram desde a perda de vidas humanas até o declínio econômico e social das populações. Assim, a crise de saúde global sem precedentes do século XXI, expôs as fragilidades da nossa época, testando nossa espécie de maneira nunca antes vista.

Com as cidades esvaziadas e diante da suspensão momentânea das inúmeras atividades cotidianas, fomos conduzidos a imaginar previsões catastróficas sobre o destino do mundo. Passamos a criar, baseados no ontem, simulações daquilo que seria o amanhã. No Brasil, por exemplo, os desdobramentos da crise sanitária desestabilizaram as áreas da Saúde, Direito, Cultura e descortinou controvérsias no âmbito da Educação.

A interrupção das emoções, outrora vivenciadas de modo físico-presencial, privou a ampla maioria da população de experiências que, via de regra, enriqueceriam a diversidade humana. Diante da ameaça à nossa existência, encontramos nas Redes Educativas<sup>4</sup> condições para resistir e protestar. Assim, os Painéis se destacaram, ressurgindo como um grito coletivo contra as circunstâncias devastadoras que invadiram nossos cotidianos (Figura 1). Nas janelas, reavivamos “lampejos de sobrevivência” (Didi-Huberman, 2011, p. 85).

---

<sup>4</sup> Redes educativas são espaços multirreferenciais de aprendizagem. Ademais, estendemos as Redes Educativas também como modos de pensamento, uma vez que a construção do conhecimento é tecida em rede, a partir das aprendizagens construídas pela apropriação dos diversos artefatos culturais, tecnologias, interações sociais, entre outros. (SANTOS, 2011, online).

**Figura 1:** Painelaços durante a pandemia.



Fonte: <https://www.estadao.com.br/politica/painelacos-contr-bolsonaro-sao-registrados-em-sao-paulo/>

Não obstante, a rotina profissional de parcela significativa da população brasileira, assim como em vários outros países, também foi alterada às pressas com o intuito de minimizar o contágio da nova doença. Por um lado, o trabalho em casa (ou *homeoffice*) despontou massivamente como modalidade de exercício laboral, por outro, seguíamos impossibilitados de encontrar *tête-à-tête* o ente querido. Pior ainda: permanecemos distantes da mesa do bar ou impedidos de frequentar uma roda de samba, sob o prudente argumento de garantir a eficiência do distanciamento físico-social.

Segundo Gallo e Carvalho (2023), dificilmente alguma outra área foi tão surpreendida quanto o setor educacional, dado que a comunidade escolar, de uma hora para outra, precisou trocar as carteiras da sala de aula pelas cadeiras de casa, se é que elas existiam. E depois, com as instituições de ensino de portas fechadas, uma série de mudanças abruptas e inéditas foram adotadas para enfrentar o conjunto de desafios multifacetados, visando garantir a continuidade das atividades escolares.

A interrupção do acesso físico-presencial às escolas abalou desproporcionalmente os estudantes de comunidades socioeconomicamente desfavorecidas devido à falta de acesso aos artefatos digitais e à internet (ONU, 2020). Diante do clima de incerteza sobre quando efetivamente as pessoas poderiam voltar a se reunir, os cotidianos precisaram assumir formatos alternativos para (re)xistir sem colocar a vida da população em risco.

Com isso, percebemos a urgência de realizar uma investigação cujo objetivo fosse compreender a reconfiguração dos processos educativos forjados com os praticantes dos cotidianos em tempos de incertezas. Eis que surge esse artigo!

Para tanto, organizamos a apresentação do fenômeno pesquisado, buscando nas próximas seções: refletir acerca dos aspectos metodológicos da pesquisa na Cibercultura com os Cotidianos, a opção teórico-metodológica adotada no estudo; identificar a produção e os usos das práticas ciberculturais que emergiram da relação entre seres humanos e dispositivos digitais em conexão na internet, a partir da pandemia da Covid-19; em seguida, evidenciamos as práticas cotidianas reencantadas, relacionando-as com o exercício da docência dentrofora<sup>5</sup> das Redes Educativas. Por fim, discutimos a imprescindibilidade das invenções dos praticantes como dispositivos curriculares que estremecem o mundo desencantado, a partir do fluxo imprevisível dos movimentos ciberculturais, que agrupam públicos distintos e que encontram nas redes modos utópicos de manifestarem-se.

## Não feito, não perfeito: os aspectos metodológicos de uma pesquisa impermanente

De modo geral, atravessamos os últimos três anos aos trancos e barrancos, situação que esgarçou o exercício político da cidadania. Simultaneamente, vimos as instituições acadêmicas agonizarem. Em especial ali, os cortes prejudicavam da produção científica até a manutenção de serviços básicos. Estávamos em desespero!

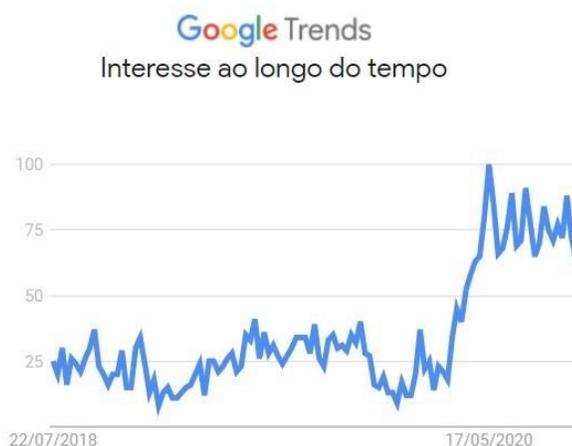
Por outro lado, a pandemia forçou pesquisadores a reoxigenarem espaçostempos científicos alternativos, implicando no uso extraordinário da internet para acessar aos bancos de dados remotamente. O Google Trends (Figura 2) demonstra como a produção de dados referentes às pesquisas mediadas pelo digital em rede se ampliaram conforme avançavam as semanas, demonstrando que, assim como o ano de 2020 será

---

<sup>5</sup> A partir de agora, adotarei o uso dos termos dentrofora, espaçostempos, entre outros assim grafados, conforme preconiza Alves (2015, p.15), nas Pesquisas com os Cotidianos, pois entendo que “[...] as dicotomias herdadas das ciências na Modernidade têm significado limites para as Pesquisas com os Cotidianos. Assim, para superar conceitos fragmentados, passamos a grafar deste modo os termos de dicotomias herdadas.

lembrado pelo surgimento da Covid-19, igualmente será marcado pela popularização das pesquisas que acionaram trilhas metodológicas com itinerários no universo conectado por meio das interfaces digitais.

**Figura 2:** Gráfico de interesse por pesquisas realizadas exclusivamente na internet.



Fonte: acervo dos autores.

Com isso, pesquisadores do mundo inteiro recorreram ao conjunto das atividades humanas comunicadas no trânsito da rede mundial de dispositivos digitais interconectados, o ciberespaço<sup>6</sup>, acrescida da condição inusitada que fundiu, em caráter extraordinário por imposição da pandemia, artefatos digitais, diversidade de linguagens, tecnologias audiovisuais e informática em geral, tudo em tempo real e com seus praticantes criando, compartilhando e reconfigurando entre si outros modos de fazer pensar pesquisas.

Com isso, mergulhamos com todos os sentidos (Andrade; Caldas; Alves, 2019) nos seguintes campos de pesquisa: primeiramente, buscamos

---

<sup>6</sup> Nessa pesquisa, quando nos referimos ao ciberespaço, não estamos defendendo a ideia de um local para onde somos transportados por meio de uma conexão via dispositivo digital. De outro modo, quando usamos dispositivos digitais em rede, o online e o físico-presencial não significam ambientes opostos ou incompatíveis, mas lados diferentes e complementares integrantes de uma mesma realidade (Santaella, 2018).

em páginas na Internet de acesso público e irrestrito<sup>7</sup> por práticas em sentido de múltiplas formas, através das quais as desenvolvemos sempre provisórias e incertas, e que, a partir da pandemia, viraram os modos de fazer pensar currículos de ponta cabeça<sup>8</sup>. Depois, por meio da experiência desenvolvida pelos grupos de Pesquisa EduCiber e LÊTECE, chamada de *Seminário Temático: A formação de professores na cibercultura e sua articulação com os fenômenos socio-técnicos, éticos, políticos e culturais mediados por tecnologias digitais em rede*, atestamos a reverberação pós-pandemia dos artefatos curriculares em rede, criados com experiências desviantes dos saberes populares.

Dessa forma, nas redes sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos, selecionamos, enquanto coparticipávamos interativamente das conferências e oficinas, perfis autodeclarados ou identificados como docentes atuantes nas redes ensino público e privado.

Figura 3: Campo de pesquisa e seus praticantes.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=rAKo3mB\\_SKc&t=1558s](https://www.youtube.com/watch?v=rAKo3mB_SKc&t=1558s).

Com as *interfaces* digitais constituímos o meio e o modo como nós, praticantes, entabulamos conversas<sup>9</sup> e coproduzimos os dados da

7 Pesquisas em páginas públicas na Internet não requerem inscrição ou autorização do administrador para acesso ao conteúdo, sendo dispensada avaliação ética e o registro de consentimento (Brasil, 2018).

8 O virar de ponta cabeça, ação cognoscente das pesquisas cotidianistas, altera o funcionamento das práticas, subverte critérios de referência e amplia nas Redes Educativas a tessitura de conhecimentos (Andrade; Caldas; Alves, 2019).

9 Entendo as conversas como importante modo de compreender os processos dialógicos da pesquisa que desejamos realizar, dado seu caráter mais democrático e heterogêneo. Por isso, conversar é o que propomos

pesquisa. Pelas janelas (ou *interfaces*) evidenciamos saberes-fazer onde processos de aprenderensinar se desenvolvem mediados por dispositivos produtores de dados constituídos das nossas vivências cotidianas como praticantes na Cibercultura.

Escolhemos, para fazer emergir tudo aquilo que de alguma forma compõem os dados e espaçotempos da pesquisa, narrativas multiletradas (Street, 2014) e hipertextuais<sup>10</sup> na Cibercultura, a partir da pandemia. Conseqüentemente, envolvemos outras pessoas, diversos ambientes e circunstâncias distintas. Optamos por cotidianos compostos por tramas particulares e públicas, quase sempre divergentes, nunca simétricas, mas todas tecidas de modo complexo (Morin, 2003).

Em síntese, buscamos por tudo aquilo que aparentava algum grau de irrelevância, mas, sobretudo, revelavam-se como artefatos curriculares potentes emergidos das práticas cotidianas comuns nos *espaçotempos* a partir da pandemia, percebidos graças às análises cotidianistas, onde articulamos múltiplos processos desenvolvidos nas redes em torno das quais realizamos a pesquisa, e, para tanto, como já citado, usamos alguns dos movimentos necessários à organização teórico-metodológica e teórico-epistemológica dos Estudos com os Cotidianos (Andrade; Caldas; Alves, 2019).

Nesse sentido, com o Sentimento de Mundo, o primeiro movimento praticado enquanto investigávamos, buscamos a compreensão das tantas lógicas ordinárias, e sempre com elas interagindo, afetando e sendo afetado. Trata-se de uma dinâmica peculiar e praticada:

[..] ao contrário da formação apreendida e desenvolvida na maioria das pesquisas do campo educacional, inclusive em muitas sobre os cotidianos escolares, que, de maneira muito frequente, têm assumido uma forma de pensar que os vem negando como espaçotempo de saber (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 18).

---

(Alves, 2009).

10 Hipertextos são documento, páginas ou interfaces que contêm ligações (links) para outros textos e/ou hipermídias (gráficos, imagens e/ou sons). Favorecem relações que, quando ativados pelo praticante da pesquisa, proporcionam novos caminhos, que por sua vez podem fazer emergir a diversidade de olhares e a não linearidade do texto desse projeto de qualificação.

Dessa forma, enquanto evitávamos sucumbir ao vírus da covid-19, percebíamos nas conversas dentrofora do campo investigativo, reflexões que evidenciavam temas em torno da cidadania, do exercício da democracia e dos ajustes das artimanhas criadas e fortalecidas nos nossos cotidianos, em suma, sentíamos o mundo.

Percebíamos na ampla maioria das ações adotadas pelos governantes, uma permanente ineficácia no combate contra o novo coronavírus. Surreal! Como conseguiremos esquecer aquela fatídica situação em que, na cidade de Manaus, faltou oxigênio e vagas nos hospitais, revelando a imperícia das autoridades brasileiras?<sup>11</sup> Ainda assim, no meio daquele cenário desesperador, profissionais da saúde, apesar da falta de equipamentos e sobrecarga de trabalho, criaram uma técnica chamada de Mãozinha (Figura 4).

Figura 4: Técnica da mãozinha.



Fonte: <https://encurtador.com.br/xFQUV>

A inédita técnica da mãozinha, consiste em colocar duas luvas cirúrgicas preenchidas com água morna envolvendo a mão de um paciente internado com Covid-19. Devido ao calor local, a circulação sanguínea fica facilitada, tornando possível a verificação da saturação, uma das importantíssimas funções vitais da pessoa infectada pelo vírus. Contudo, além de promover a melhoria da passagem do sangue pelas artérias, a luva de plástico, que serviria para proteção e higiene dos profissionais da saúde

---

11 <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14>

durante o trabalho, reconfigurou-se para, ao mesmo tempo, também ser usada como pedaço de um corpo que toca e tenta se fazer como presença. Viraram a luva de ponta cabeça! Na medida em que viramos de ponta cabeça, outro movimento necessário nas pesquisas com os Cotidianos, entendemos a teoria como limite em vez de apoio para verdades absolutas (Andrade; Caldas; Alves, 2019).

Com isso, o uso desviante das mãozinhas, irrompeu outra espécie de mão, diferente daquela que introduz a intubação da pessoa infectada com o vírus. Para compreender os problemas vividos por pessoas reais a partir da pandemia, precisamos Virar de Ponta Cabeça inúmeros conhecimentos deixados de lado por muitos pesquisadores, em virtude de uma suposta irrelevância científica para, dessa forma, ampliar nossa percepção dos processos ciberculturais forjados pelos praticantes da pesquisa.

Enquanto interagíamos nas múltiplas redes do campo investigativo, estabelecíamos conversas tão intensas que íamos criando ideias que, à luz das ciências modernas, eram produzidas de forma confusa e conflituosa. Acontece, porém, que nas pesquisas cotidianistas, procuramos reconhecer pistas indiciárias (Ginzburg, 1989) como pegadas e, com isso, as miudezas tidas como marginais, periféricas ou mesmo negligenciáveis, podem guardar a explicação para o entendimento de um dado fenômeno social intrigante. Isso acontece porque Bebemos em Todas as Fontes, outro movimento indispensável ao escopo metodológico das pesquisas cotidianistas.

Portanto, “ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade, o diferente e o heterogêneo” (Andrade; Caldas; Alves, 2019, p. 15-16), nos conduzem a Beber em Todas as Fontes. É por isso que costuramos as teorias com ditos populares, conversas, modos de expressão comuns, letras de músicas, em suma, “visões de mundo engendradas com as práticas que não couberam nos livros até então publicados” (idem, p.135).

Em outras palavras, significa compreender as inúmeras dimensões da vida cotidiana como dinâmicas que ocorrem de múltiplos modos, e que não podem ser captados em sua complexidade por um único referencial ou um olhar exclusivo que insiste em fixar um ponto padronizante. Assim, evitamos que um dado produzido com a pesquisa se sobreponha à complexidade da realidade. Beber em todas as fontes amplia nossas compreensões sobre o mundo em que vivemos e, portanto, se torna

fundamental para percebermos possibilidades outras com os fenômenos investigados.

Contudo, precisamos ir além das emboscadas da ciência moderna. Para tanto, promovemos “mil maneiras de caça não autorizadas nas quais o cotidiano se inventa” (Certeau, 2012, p. 38). Com isso, optamos por um novo modo de registrar ou escrever aquilo que é investigado, o qual nomeamos de Narrar a Vida e Literaturizar a Ciência.

O Literaturizar a ciência narrando-a com a vida (Andrade; Caldas; Alves, 2019), proporcionou perceber, fábulas que emergiram do campo da pesquisa como multiplicidade de informações. Com isso, os diversos cotidianos aconteceram, foram percebidos e contados, articulando conversas que ora avançavam, ora recuavam, sempre de maneira não linear e igualado ao bordado de uma rede que alarga as possibilidades interpretativas e compreensivas.

Segundo Andrade; Caldas; Alves (2019):

Há uma outra escritura a aprender, aquela que se expresse com múltiplas linguagens e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide muito além de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma escritafala, uma falaescrita, uma falaescritafala (p. 30-31).

Na pesquisa usamos *praticantes* em vez de *participantes*, porque na perspectiva certauniana, chamamos de praticantes os indivíduos comuns – ordinários – que praticam a arte da ordem, mas também a burlam. Dessa forma, os praticantes dessa pesquisa não são meros observadores. Para além dessa perspectiva voyeurista, nós, praticantes, atuamos nos espaçostempos do trabalho investigativo dando materialidade às narrativas e inaugurando caminhos para realizar o que habita nossos desejos (Certeau, 2012).

E, ao percebermos que atualmente os cotidianos pós-pandemia seguem instáveis, dado que as mudanças são da ordem das minúcias, optamos pela prática da Escuta Sensível (Barbier, 2002) no contexto da Oficina realizada no Seminário Temático.

Com isso, trazemos a experiência desenvolvida pelos grupos de

Pesquisa EduCiber<sup>12</sup> e LêTECE<sup>13</sup>, chamada de *Seminário Temático: A formação de professores na cibercultura e sua articulação com os fenômenos socio-técnicos, éticos, políticos e culturais mediados por tecnologias digitais em rede*. O seminário temático foi uma iniciativa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sendo promovido pelo Grupo de pesquisa LêTECE, em conjunto com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), representada pelo Grupo de pesquisa EduCiber.

Nesse sentido, superamos qualquer tentativa de enquadrar a realidade em uma única ideia acerca daquilo que pesquisamos, e assim não frustramos os dados produzidos, porque o desafio consistiu em extrair legitimidade do precário a partir das relações em que o devir é diário (Deleuze; Guattari, 2010).

Portanto, após projetarmos os aspectos metodológicos da nossa impermanente pesquisa sob o prisma dos Estudos com os Cotidianos, nas próximas seções penetraremos com mais profundidade nas narrativas dos praticantes e nos temas evidenciados com os dados produzidos no campo investigativo: nossas invenções diante do mundo repleto de incertezas.

## Viver não é preciso. Inventar para Re(existir) é preciso

Ainda que não tenha representado a extinção da ameaça à saúde global, na data de 5/05/2023, em Genebra, na Suíça, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à Covid-19.<sup>14</sup>

O turbilhão de acontecimentos decorrentes da pandemia, que pelo menos em tese acabávamos de atravessar, reconfigurou nossos cotidianos, tornando-o uma espécie de odisséia, e por muitas vezes incontrolável. Por isso, a ideia-âncora (Moreira, 2012) que nomeia essa

---

12 O Grupo de Pesquisa EduCiber (Educação e Cibercultura) investiga como a Educação, a Cultura e a Comunicação podem potencializar práticas docentes em redes educativas no contexto formal/informal da universidade e da escola básica. Página: <https://www.educiber.pro.br/>

13 O Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação na Educação (LêTECE), tem por objeto de investigação as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Cultura Digital e Educação. Página: <https://www.ufmt.br/unidade/letece>

14 Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>

seção, alude ao trecho de uma famosa obra literária – “Navegar é preciso, viver não é preciso” – popularizada pelo poeta Fernando Pessoa.

De outro modo, vejamos:

Todo mundo tinha algum plano para realizar. Do nada veio a pandemia e mudou a rota de muita coisa. Agora, a gente está aqui, tendo que repensar o que deve continuar a fazer parte das coisas que replanejamos. Com esse nosso jeitinho da fazer as coisas acontecerem, o lance é conseguir aproveitar e tirar benefício das lições deixadas com a pandemia. A gente inventou tanta coisa, né? (Praticante Bianca)

Tanto Fernando Pessoa quanto Bianca, nos fornecem dados para perceber que nossa sobrevivência, via de regra, é atravessada de cotidianos instáveis. E depois, com a Covid-19 passando a interagir conosco, atormentando o planeta Terra, nada mais seria possível permanecer com certezas inabaláveis. Acaba que fica nítida a ideia de que nossa existência, para se reencantar nas variadas circunstâncias sócio-históricas, precisa incrementar práticas capazes de prover uma vida que nos permita ir além do já sabido (Andrade; Caldas; Alves, 2009).

Com isso, se expressava com mais evidência, uma faceta até então ignorada da nossa dimensão humana, que dizia respeito à nossa capacidade de pensar maneiras fugazes de nos conectarmos, ainda que subsistisse o caos, e assim encontrarmos lampejos de alegria em pequenos momentos e gestos, refletindo a imprecisão daquilo que significa viver como uma oportunidade de explorar maneiras outras de existir e de ser.

Já no trecho do subtítulo dessa seção – “Inventar para Re(existir) é preciso” – nos remetemos ao acaso de buscar o desconhecido e a necessidade de continuar em frente mesmo quando o horizonte é incerto. Nos cotidianos da pandemia, percebíamos o imperativo de enfrentar a crise independentemente das dificuldades (Figura 5). Os desafios diários e as restrições impostas, provocavam medo. De toda sorte, continuávamos nossas jornadas com nossas cabeças navegando *pelos tabelas*.<sup>15</sup> Criávamos a todo instante algo novo de novo, e com muito esmero (re)existíamos.

---

15 Pelas Tabelas, canção de Chico Buarque: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C-EQqV3FXTo>

**Figura 5:** Ajuste inventivo para solucionar o impeditivo da ausência de suporte para o dispositivo.



Fonte: acervo dos autores.

Ora, mas qual é *o pulo do gato*, melhor dizendo, o que há de novo no modo como as práticas sociais mantenedoras da nossa sobrevivência são forjadas? Há alguma peculiaridade nos atos dotados de um senso de improvisação, que praticamos nos nossos cotidianos ao acaso, e que também pelo acaso, se tornaram parte dos fenômenos integrantes da vida pós-pandemia?

Para exemplificar e responder, relembremos o processo de invenção da primeira vacina contra a Varíola, que consistia em inocular em um indivíduo, por via subcutânea, e com a ajuda de uma agulha, a amostra do vírus obtida de um paciente ou de uma vítima. Precário? Sim! Provisório? Certamente, mas também, inovador.

Hoje em dia, graças as descobertas sobre a invenção das vacinas, temos a prevenção – ainda que imperfeita – contra a covid-19, e com isso, percebemos que o ato inventivo está por todos os lados, e pode começar a partir de ocasiões incertas. Segundo Andrade, Caldas e Alves (2019), isso acontece porque há, nas dinâmicas de todos os dias, diversos itinerários inventivos de saber sobre tantas coisas, dinâmicas evasivas e sutis, e que sim, provocam crises dos modos de ‘fazerpensar’ ciência considerados majoritariamente como verdadeiros.

Em outros termos, queremos dizer que os conhecimentos acerca das coisas que existem (e como existem) são desenvolvidos, na sua ampla maioria,

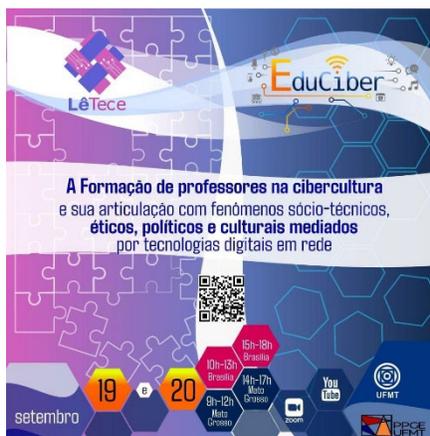
nos dias aparentemente comuns, e por isso, o nosso trabalho investigativo buscou não desconsiderar aquilo que, ao clivo da ciência moderna, aparentava algum grau de irrelevância. Procuramos perceber com o máximo dos sentidos possíveis os cotidianos em que a pesquisa aconteceu, e seguir narraremos os conhecimentos produzidos como práticas cotidianas da cibercultura. “O que interessa é o invisível!” (Certeau, 2012, p. 31).

## A continuidade do presente no futuro pós-pandemia

Já na volta daquilo que ficou conhecido como momento extraordinário emergencial, fomos empurrados subitamente para a presencialidade física do Novo Normal<sup>16</sup>, e apesar das dificuldades, cocriamos com um grupo de pesquisa parceiro, a realização de um Seminário Interinstitucional.

O evento (Figura 6), sempre coordenado por docentes do grupo de pesquisa LÊTECE em parceria com professores de outros programas de Pós-graduação, acontece semestralmente, e dessa vez envolveu, além da comunidade acadêmica da UFMT e participantes externos à universidade, a parceria com o Grupo EduCiber.

Figura 6: Card de divulgação do Seminário Interinstitucional.



Fonte: [https://www.facebook.com/Letece/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/Letece/?locale=pt_BR)

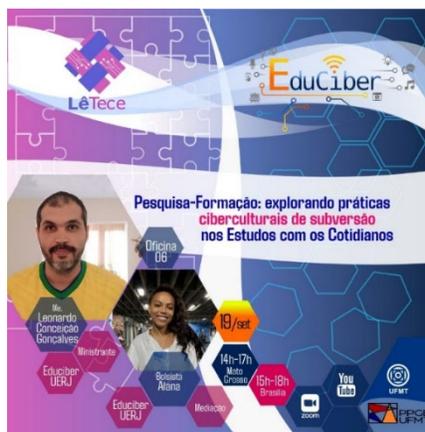
16 Texto “Novo Normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas.” Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>

Para Alves (2015), o modo como fomos aprendendo ensinando na modernidade, foi incapaz de responder às diversas necessidades com as quais nos deparamos nas redes educativas que compomos, nos obrigando a inventar novas formas de fazê-lo. Para as autoras, organizar um grupo de pesquisa, mantendo reuniões semanais de estudo, não é tarefa fácil, mas é necessária, pois o olhar do outro é componente indispensável do processo de trabalho segundo o qual estamos empenhados em compreender o compreender do outro e em constante vias de aprender a aprender.

Portanto, a pesquisa em parceria com outro grupo nos impulsiona a buscar novas formas de conhecimento e a expandir nossa compreensão sobre determinado assunto. Com interatividade (Silva, 2010) e colaboração mútua, lidamos com as incertezas do pós-pandemia, porém, com determinação e empenho, conseguimos inventar para (re)existir.

O seminário possibilitou o diálogo horizontal entre docentes, estudantes e artistas de diferentes áreas, fomentando, conforme conceitua o pesquisador Leonardo Rangel dos Reis, proposições de currículo em rede a partir da valorização das experiências limiars e dos saberes como rizoma (Dos Reis, 2018). Nesse sentido, evidenciamos a *oficina temática Pesquisa-Formação: explorando práticas ciberculturais de subversão nos Estudos com os Cotidianos* (Figura 7).

Figura 7: Card de divulgação do Dispositivo oficina Temática.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CxOAvXnLM3a/>

A oficina (Figura 8) fez circular conversas acerca das invenções de docentes que pesquisam como a mobilidade, a ubiquidade, a interatividade e a convergência em suas múltiplas linguagens, podem inspirar práticas docentes em Redes Educativas, contribuindo para a formação profissional na atual fase da cibercultura. Além disso, abordamos de forma ampla temas de diferentes áreas, como literatura, música, teatro, dança, cinema, artes visuais, filosofia, antropologia, história, entre outras.

Figura 8: Interface da sala referente ao Dispositivo oficina Temática.



Fonte: <https://www.youtube.com/@letece9461>

A pergunta disparada, e que direcionou nossas conversas durante a oficina, buscou identificar quais foram as fissuras provocadas dentrofora nas Redes Educativas, e que, dado o rompimento das regularidades que atrapalhavam nossa capacidade de projetar o mundo pós-pandemia, evidenciaram ações forjadas frente ao imponderável. Tal movimento foi indispensável, porque:

Essa coisa de a gente marchar forçadamente na busca de uma vacina contra a covid-19, para aliviar as dores em decorrência das mortes, deixou a gente frio. Isso fez a gente abandonar muitos dos nossos sonhos, alegrias e festividades. Progresso ou regresso? (Praticante Valéria).

A praticante Valéria, mas também Weber (2005), se referem ao processo de racionalização generalizada da existência, posto que por meio dela se modifica a vida social mediante rituais de desencantamento, na medida em que são introduzidos nas práticas cotidianas como padrões que extinguem a ideia de imperfeição, se dizendo, por um lado, seguir em

direção ao progresso por meio da fé na ciência, mas por outro, tornando as relações humanas assépticas.

Ainda, segundo Valéria:

A gente viu que a busca desenfreada pela vacina contra covid-19, onde pesquisadores usaram as melhores e mais avançadas tecnologias, tornaram o mundo mais racional, porque essa ciência aí é racional. Mas, curiosamente, reamontoamos tecnologias com o objetivo de reencantar o mundo. A gente juntou tecnologia e magia, e com os meios de comunicação digital, como se fosse um grande caldeirão, a gente foi misturando coletivamente pela internet porções de conhecimento. Foi legal, porque muita coisa não foi inventada por grandes corporações, não veio do topo, mas, pelo contrário, várias coisas foram inventadas por quem vem de baixo.

Notamos que a exposição às telas, quando mediadas por situações de interatividade, desencadeava uma nova ordem de coisas, cuja lógica rompeu com a perspectiva foucaultiana da gestão biopolítica das populações (Foucault, 1989), confirmando que as recombinações advindas da liberação do polo de emissão, potencializavam micropolíticas, criando metodologias de pesquisa e projetos de aprendizagensensinos que aproximavam os currículos escolares e universitários com as práticas comunicacionais da Cibercultura.

“Isso que a gente viveu com a pandemia nunca aconteceu antes! Eu sou professora de história e não conheci outra crise com tamanhas consequências. Quase cheguei no meu limite.” (Praticante Marta). E ela prossegue: “as dificuldades que enfrentei também me encorajou a buscar alternativas, senão eu não sobreviveria. Ninguém sobreviveria”. Em outras palavras, Marta se referiu aquilo que Freire (2014) denominou como “inédito viável” (p.54), ou seja, a confrontação provocativa no pensamento que revela como reagiríamos ao estado de coisas caóticas, mas sem perder de vista o aspecto quimérico das nossas intenções em transformar magicamente os artefatos culturais em elixir magnífico.

Depois da pandemia, eu passei a resolver as coisas de outro jeito. Tudo começou durante a pandemia, na vez que precisei gravar um podcast com minha turma da pós-graduação. A partir disso, comecei a prestar atenção nesse tipo de prática e vi que muitas soluções, que eu mesmo

achava que eram fajutas, estão sendo usadas até mesmo para gravar um podcast. Aí comecei a perceber que muitas pessoas inventam coisas parecidas, e elas são fenomenais (Praticante Deise).

Deise se refere a magnitude das ações frutificadas a partir das ligações entre os praticantes humanos e os praticantes não-humanos (smartphone, computador, latas de leite em pó, escada, caneta, dentre outros), e nos faz perceber invenções emancipadoras. Conforme destacou: “se a gente for na internet, a gente aprende a fazer um monte dessas coisas inventadas durante a pandemia, talvez até melhor. Isso é libertador!”.

Aqui em casa não tem escritório, não tem suporte apropriado para apoiar o computador nem apoiar o celular. Então, eu fiz um suporte no estilo medicamento genérico e criei um jeito de corrigir as tarefas compatível com aquela parafernália. Tô até com vergonha de compartilhar (Figura 9). Mas essa situação precária não é só aqui em casa. Principalmente depois da pandemia, quem já não tinha bons equipamentos disponíveis, piorou. Na nossa área da educação, é só equipamento atrasado em muitos lugares no nosso país. Tanto nas escolas onde estudei ou depois na faculdade, ninguém aprendeu a usar direito a internet. Por isso, se a gente não criar alternativas, já era. As coisas que faço desde que a pandemia começou, aprendi na curiosidade do dia a dia. Sempre que preciso eu volto a usar meu suporte de correção (Praticante Deise).

**Figura 9:** Suporte para correção das tarefas escolares e demonstração de uso da técnica.



Fonte: acervo dos autores.

No entanto, durante a oficina, não tratamos de compartilhar nossas experiências inventivas buscando compará-las a ideia da gambiarra no seu formato mais tradicional, que remete a uma manifestação de gozo privado, exercido pela habilidade individual do praticante, com ponto de partida e chegada em si próprio.

De modo diferente:

primeiro eu sempre busco algum exemplo nas redes sociais. Lá o pessoal sempre sugere ou modifica ideias, fazendo com que elas demandem pouco conhecimento do funcionamento dos aplicativos e software. Mas, por outro lado, é preciso ser mais criativo do que dominar conhecimento técnico especializado. Nossas invenções refletem o momento imperfeito que atravessamos (Praticante Deise).

Com a oficina, fizemos circular as soluções encontradas que apontam na direção de um fazer artístico-poético para além da cola ou soma de ações gambiarrísticas. Com isso, atualizamos a ideia em torno da gambiarra, caracterizando-a e passando a compreendê-la como construção coletiva, que assume, através dos modos de compor pelo improviso na internet, as gambiarras da cibercultura, ou Cibergambiarras.

A gente sabe que a devastação deixada após a pandemia só piorou tudo aquilo que já tínhamos de precário: conexão descontinuada por falhas técnicas e falta de apoio estrutural do poder público são apenas dois exemplos. Por isso, me interessa muito mais ressaltar o potencial inventivo que uma situação como a pandemia nos forçou a colocar em prática e, assim, criar outra linha de raciocínio para as nossas conversas (praticante Deise).

Usando a arte dos fracos, os praticantes criam soluções-acontecimentos<sup>17</sup>. Astutamente, se aproveitam das ocasiões incertas para promover escapes, porque percebem que paira no ar possibilidades de criar

---

17 Acontecimento é um conceito encontrado no escopo do pensamento de Gilles Deleuze. Expressar a diferença, entendida como multiplicidade divergente. Nesta direção, o acontecimento se coloca como um processo de diferenciação e, por isso mesmo, como um processo de criação. E, neste sentido, coloca-se a necessidade de pensar que as soluções podem desempenhar funções múltipla.

surpresas onde ninguém espera (Certeau, 2012). *Onde dizem que não, aí que 'tá a mágica, meu irmão!*<sup>18</sup>

**Figura 10:** SuChiBal (Suporte Chinelo Balde).



Fonte: acervo dos autores.

Olhem essa engenhoca! Eu tenho um balde igualzinho abandonado aqui na varanda de casa. Nunca pensei que poderia, com ele, criar um SUCHIBAL – Suporte Chinelo Balde – para apoiar meu telefone. Genial! Uma verdadeira obra de arte!

Percebe-se que práticas comunicacionais na cibercultura, passaram a capturar pelas telas dos nossos dispositivos digitais em interatividade, histórias narradas envolvendo eventos que transmitiam e armazenavam linguagens. Logo, com nossas Cibergambiarras podemos aprenderensinar leituras, conversar, formular pensamentos acerca do mundo, da forma como os praticantes se relacionam entre si, em suma, ao mesmo tempo que produzimos o que aprendemos com essas invenções na cibercultura, vamos atualizando as distintas maneiras de habitar os cotidianos pós-pandemia.

---

18 O Rappa: Canção Auto-Reverse (2013). Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=vgZwa7GKRCA>

## Considerações Finais

Neste texto, discutimos o exercício formativo da pesquisa e o movimento de reinvenção, e partir disso demonstramos como situações imperfeitas representam espaços de transição fecundos, cujo interstício, situado entre expectativa e realidade, aduba o processo de formação que ocorre nas brechas de ambientes aparentemente inférteis.

Procuramos destacar a importância de não limitar, fixar, mensurar, formatar ou deprimir, seja no fazer pensar as pesquisas acadêmicas ou, então, na vida pessoal e profissional. Nesse sentido, o termo “Currículos-quimera” reflete a ideia de que, em vez de seguir um modelo rígido e padronizado, intencionamos desestabilizar as verdades estabelecidas que pairam sobre as instituições educacionais (Deleuze; Guattari, 2010).

A pesquisa aponta que as práticas cotidianas na cibercultura, mesmo com suas características de provisoriedade, imperfeição e incompletude, têm permitido a reinvenção de processos de aprendizagemensinos comunicacionais, assim como a criação de estéticas outras. O exemplo contido na imagem abaixo (Figura 11), registrado na conferência de encerramento do Seminário Temático que foi campo investigativo da nossa pesquisa, evidencia como nossas astúcias, apesar dos cotidianos desafiantes, são praticadas como formas de resistência e forjadas por coletivos desviantes, que encontram nas Redes Educativas maneiras plurais de se manifestarem.

**Figura 11:** “Suxi” ou Suporte-Xícara para apoiar celular durante uma palestra.



Fonte: acervo dos autores.

Nesse contexto, concluímos que a pandemia impulsionou transformações significativas no campo educacional, projetando no presente a adoção de tecnologias digitais reconfiguradas no ensino, na cultura, na economia, dentre outras. Sobretudo, reconhecemos que seja latente a necessidade de investimentos e criação de políticas públicas que garantam dignidade e a cidadania pensadas como prática, mais do que como concepções e valores abstratos.

Em suma, os dados produzidos com nossa pesquisa, realizada no interstício da relação cidade-ciberespaço, permitiu compreender como os praticantes dotados de atos de insurgência, ainda que sujeitados aos designios de governantes mandatários, são capazes de transformar os cotidianos (Certeau, 2012). Com isso, evidenciamos a riqueza e complexidade das práticas contidas nas redes do ensino a distância durante a pandemia, mas também identificamos os desafios enfrentados por discentes/docentes no Novo Normal, ressaltando a importância de uma abordagem inclusiva e equitativa no processo educacional. Através das atividades humanas e interações no trânsito digital, foi possível repensar e reconfigurar as pesquisas sobre educação em tempos de pandemia.

## Referências

ALVES, N. **Salto para o futuro: cotidianos, imagens e narrativas**. Rio de Janeiro: TVescola, 2009.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. GARCIA, Alexandra, OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Org.). Nilda Alves: **praticantepensante de cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ANDRADE, N.; CALDAS, A.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: Oliveira, I.; Peixoto, L.; Süsskind, M. L. (Orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019.

BRASIL. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª edição).

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DOS REIS, L. R. **Proposições de currículo em rede: valorização das experiências limiars e dos saberes como rizoma**. Revista Inter-Legere, [S. l.], v. 1, n. 21, p. 170–187, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/13513>. Acesso em: 29 out. 2023.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

GALLO, S.; CARVALHO, A. F. DE. **Do currículo como máquina de subjetivação contrarredundante**. Imagens da Educação, v. 13, n. 3, p. 111-133, 23 set. 2023.

GINZBURG, C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Revista cultural La Laguna Espanha, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>. Acesso em: 22/2/2019.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Stória Editores, 2003.

ONU. **Painel de alto nível da ONU sobre Cooperação Digital: ano base 2019**. Disponível em: <https://brazil.org/sites/default/files/pubpdf/cooperacao-digital-pdf>. Acesso em: 07/09/2020.

SANTAELLA, L. **Arte, ciência & tecnologia**. Um campo em expansão. In Gobira, Pablo (ed.). *Percursos contemporâneos. Realidades da arte, ciência e tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, p. 27-54, 2018.

SANTOS, R. **A tessitura do conhecimento via mídias digitais e redes sociais**: itinerâncias de uma pesquisa-formação multirreferencial. Rio de Janeiro, 2011. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Recebimento em: 12/01/2023.

Aceite em: 31/05/2024.